



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES  
INSTITUTO DE LETRAS

Maria Noêmi Freire da Costa Freitas

**Cigarras, formigas, severinos e cia.: um olhar atento para a  
iconicidade do substantivo**

Volume II  
ANEXOS

Rio de Janeiro  
2008

## Anexo I

### OS NOMES DA CRIANÇA

Cristovam Buarque (O Globo,  
25/09/2000)

Para um habitante de cidade brasileira, todas as árvores de uma floresta são apenas mato, sem distinção entre elas. Os habitantes dos desertos, ao contrário, têm nomes diferentes para se referir à areia. Da mesma forma, os esquimós têm diversos nomes para indicar aquilo que, para nós, é apenas neve.

Cada povo desenvolve sua cultura, com palavras distintas, para diferenciar as sutilezas do seu ao-redor, como forma de sobreviver mais facilmente e usufruir esteticamente. A riqueza de uma cultura se mede pelo número de palavras usadas para definir o meio ao redor. Quanto mais palavras distinguindo as coisas, em detalhes imperceptíveis para os demais, mais rica é a cultura.

Os brasileiros urbanos também desenvolveram, em sua cultura, nomes diferentes para dizer o que entre outros povos teria um nome apenas: criança.

Em suas cidades, os brasileiros do começo do século XXI têm muitas maneiras para dizer criança com sutis diferenças manifestas em cada palavra. É a riqueza cultural, manifesta num rico vocabulário, que mostra a degradação moral de uma sociedade que trata suas crianças como se não fossem apenas crianças. O português falado no Brasil é certamente o mais rico e o mais imoral dos idiomas do mundo atual, no que se refere à definição de criança.

Menino-na-rua significa aquele que fica na rua em lugar de estar na escola, em casa, brincando ou estudando, mas que, à noite, em geral, tem uma casa para onde ir. Ao vê-lo, um habitante de uma das nossas cidades grandes faz logo a diferença com as demais crianças que ali estão passeando. Diferencia até, sutilmente, dos meninos-de-rua – aqueles que não apenas estão na rua, moram nela, sem uma casa para onde voltar.

Flanelinha é aquele que, nos estacionamentos ou nas esquinas, dribla os carros dos ricos com um frasco de água numa mão e um pedaço de pano noutra, na tarefa de convencer o motorista a dar-lhe uma esmola em troca da rápida limpeza no pára-brisa do veículo. É diferente do esquineiro que, no lugar de oferecer o serviço de limpeza, pede esmolos apenas. Ou do menino-de-água-na-boca, pobre criança que carrega pequenas caixas de chocolates, tentando vendê-los, sem direito a sentir o gosto do que carrega para os outros e existe aos milhares no Brasil.

Prostituta-infantil já seria um genérico maldito para uma cultura que sentisse vergonha da realidade que retrata. Como se não bastasse, ela tem suas sutis diferenças. Pode ser bezerrinha, ninfeta-de-praia, menina-da-noite, menino ou menina-de-programa ou michê, conforme o local onde faz ponto e o gosto sexual do freguês que atende. E existe – vergonha das vergonhas – a expressão menina-paraguai para indicar criança que se prostitui por apenas R\$1,99, o mesmo preço das bugigangas que a globalização trouxe em contrabandos, quase sempre, daquele país. Ou menina-boneca, de tão jovem quando começa a se prostituir, ou porque seu primeiro pagamento sirva para comprar a boneca que nunca ganhou de presente.

Delinqüente, infrator, avião, pivete, trombadinha, menor, pixote. Sete nomes para o conjunto das relações de nossas crianças com o crime. Cada qual com sua maldita sutileza, de acordo com o artigo do Código Penal em que é enquadrado, com a maneira de abordar as suas vítimas ou com o crime ao qual se dedica.

Pode também, no lugar de criança, ser boy, engraxate, menino-do-lixo, reciclador infantil, conforme o trabalho que faz.

Ainda tem filho-da-safra, para indicar criança deixada para trás por pais que emigram todos os anos em busca de trabalho, nos lugares onde há empregos para bóias-frias. Nome que indica, também, a riqueza cultural do sutil vocabulário da maldita realidade social brasileira. Ainda o pagão-civil, que vive sem o registro que lhe indique a cidadania de sua curta passagem pelo mundo. Em um país que lhe nega, não só o nome de criança, também a existência legal.

Como resumo de todos estes tristes verbetes, há também criança-triste, como um verbo adicional. Não pela tristeza de um brinquedo quebrado, de uma palmada ou reprimenda recebida, nem da perda de um ente querido. No Brasil há um tipo de criança que não apenas fica ou está triste: criança que nasce e vive triste. Cujo primeiro choro mais parece um lamento do futuro que ainda não prevê do que a inspiração do ar em que vai viver, que por primeira vez recebe em seus diminutos pulmões.

Criança-triste como substantivo e não adjetivo, como estado permanente de vida – esta talvez seja a maior das vergonhas no vocabulário da realidade social brasileira. Tal e qual a maior vergonha da realidade política está na falta de tristeza nos corações de nossas autoridades diante da tristeza das crianças brasileiras, com as sutis diversidades de suas posições sociais, refletidas no vocabulário que indica os nomes da criança.

A sociedade brasileira, em sua maldita apartação, foi obrigada a criar palavras que distinguem cada criança conforme sua classe, sua função e sua casta. A cultura brasileira, medida pela riqueza de seu vocabulário, enriqueceu perversamente ao aumentar a quantidade de palavras que indicam criança. Um dia, essa cultura vai se enriquecer criando nomes para os

presidentes, governadores, prefeitos, políticos em geral que não sofrem, não ficam tristes, não percebem a vergonhosa tragédia de nosso vocabulário, nem ao menos se lembram das crianças-tristes do Brasil.

Quem sabe será preciso que um dia chegue ao Governo uma das crianças-tristes de hoje, para que o Brasil faça arcaicas as palavras que hoje enriquecem o triste vocabulário brasileiro, construindo um dicionário onde criança seja apenas criança, sem nomes diferentes, como para o poeta, uma rosa é uma rosa.

## AnexoII

### O QUE NUNCA ACONTECEU ANTES

Luís Fernando Veríssimo (O Globo, 2/1/2005)

Deve haver poucas coisas mais aterrorizantes do que uma tsunami, a onda gigante causada por um maremoto. A visão de uma parede de água vindo na direção da praia é um **pesadelo** comum da Humanidade, mesmo de quem nunca esteve perto do mar. Li que ter que fugir de ondas gigantescas e estar nu no meio de uma multidão são as **angústias** mais recorrentes nos maus sonhos de todo mundo, interpretações à vontade. O **terror** da grande onda talvez tenha a ver com a nossa origem oceânica: ficou nas nossas células o **medo secreto** de que, cedo ou tarde, o mar virá nos pegar de volta.

.....

Um dado que eu não sabia e que aumenta o **terror**: a velocidade da tsunami é quase igual à de um jato. Foi, em parte, por isso que as ondas atingiram as costas de surpresa, sem aviso, e que houve tantas mortes. Mas foi também porque a área mais atingida não tinha nenhum sistema de alarme. A Austrália recebeu um aviso do maremoto, a Índia e os outros países do Oceano Índico não. Porque não pertenciam ao sistema. Em tudo, o serviço nos países ricos é sempre melhor que nos países pobres. Resultado estimado, quando escrevo: 20 mil mortos. Outra razão para a tragédia foi o simples fato de que nada parecido tinha acontecido antes na região. Para quem acha que fenômenos naturais são **sinais** no código em que é anunciado nosso **destino**, ainda mais tão perto da passagem de ano, então a mensagem destas ondas é clara. Em 2005 vão acontecer coisas que nunca aconteceram antes. Estávamos preparados para um ano novo. Estaremos preparados para um ano inédito?

.....

Nada a ver, mas o ano brasileiro também terminou com algo que nunca tinha acontecido antes, se não era um **delírio**. Durante alguns dias parecia estar-se discutindo se o problema do povo brasileiro era comer de menos ou comer demais. O IBGE dizendo que tinha medido o povo e que ele estava obeso, o que equivalia a uma

**tsunami estatística** varrendo todos os nossos pressupostos sociológicos, e o Lula dizendo que a obesidade era **disfarce**, ou coisa parecida. Já se estaria até falando em suspender todos os programas de combate à miséria – “Não precisa mais, gente!” – e substituí-los pela distribuição de cartilhas da dieta Atkins. Se o episódio aconteceu mesmo ou se foi um **delírio** induzido, mostra que entramos num ano de graves **riscos**. Para o **bom senso**, antes de mais nada.

.....

Fique atento ao inédito em 2005, portanto. Bichos nascendo com cara de gente, gente nascendo com rabo, juroso caindo, tudo que for estranho e não for **marquetchim**. E preste atenção, muita atenção, no nível do mar.

**Anexo III****CANÇÃO DO EXÍLIO**Gonçalves Dias (*Primeiros Cantos*,

1847)

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer eu encontro lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar- sozinho, à noite –  
Mais prazer eu encontro lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

**Anexo IV**

CIGARRA, FORMIGA & CIA.

José Paulo Paes (*Socráticas: 'Duas refábulas'*, 2001: 63)

Cansadas dos seus papéis fabulares, a cigarra e a formiga resolveram associar-se para reagir contra a estereotipia a que se haviam sido condenadas.

Deixando de parte atividades mais lucrativas, a formiga empresou a cigarra. Gravou-lhe o canto em discos e saiu a vendê-los de porta em porta. A aura de mecenas a redimiu para sempre do antigo labéu de utilitarista sem entranhas.

Graças ao mecenato da formiga, a cigarra passou a ter comida e moradia no inverno. Já ninguém a poderia acusar de imprevidência boêmia.

O desfecho desta refábula não é róseo. A formiga foi expulsa do formigueiro por haver traído as tradições de pragmatismo à *outrance* e a cigarra teve de suportar os olhares de desprezo com que o comum das cigarras costuma fulminar a comercialização da arte.



## Anexo V

## MORTE E VIDA SEVERINA

João Cabral de Melo Neto (*Obra Completa*)

— O meu nome é Severino,  
como não tenho outro de pia.  
Como há muitos Severinos,  
que é santo de romaria,  
deram então de me chamar  
Severino de Maria  
como há muitos Severinos  
com mães chamadas Maria,  
fiquei sendo o da Maria  
do finado Zacarias.

Mais isso ainda diz pouco:  
há muitos na freguesia,  
por causa de um coronel  
que se chamou Zacarias  
e que foi o mais antigo  
senhor desta sesmaria.

Como então dizer quem falo  
ora a Vossas Senhorias?  
Vejamos: é o Severino  
da Maria do Zacarias,  
lá da serra da Costela,  
limites da Paraíba.

Mas isso ainda diz pouco:  
se ao menos mais cinco havia  
com nome de Severino  
filhos de tantas Marias  
mulheres de outros tantos,  
já finados, Zacarias,  
vivendo na mesma serra  
magra e ossuda em que eu vivia.

Somos muitos Severinos  
iguais em tudo na vida:  
na mesma cabeça grande  
que a custo é que se equilibra,  
no mesmo ventre crescido  
sobre as mesmas pernas finas  
e iguais também porque o sangue  
que usamos tem pouca tinta.

E se somos Severinos  
iguais em tudo na vida,  
morremos de morte igual,  
mesma morte severina:  
que é a morte de que se morre  
de velhice antes dos trinta,  
de emboscada antes dos vinte  
de fome um pouco por dia  
(de fraqueza e de doença  
é que a morte severina  
ataca em qualquer idade,  
e até gente não nascida).

Somos muitos Severinos  
iguais em tudo e na sina:  
a de abrandar estas pedras  
suando-se muito em cima,  
a de tentar despertar  
terra sempre mais extinta,

a de querer arrancar  
alguns roçado da cinza.  
Mas, para que me conheçam  
melhor Vossas Senhorias  
e melhor possam seguir  
a história de minha vida,  
passo a ser o Severino  
que em vossa presença emigra.

(...)

## Anexo VI

# MILHÃO

Nunca tantos  
deveram  
tanto a tão  
pôrcos.

## O LEÃO

**Acabemos com o símbolo, já que a defesa do meio ambiente não permite acabar com o real.**

**U**ma vez por ano, vez que se prolonga durante meses em aflições por parte do cidadão, provocadas por ameaças <sup>editado</sup> <sup>mais out</sup> masoquistas da parte dos sempiternos burocratas no poder (Gogol é imortal!), lá vem, caminhando e rugindo na selva selvaggia da informática arrecadadora, o Leão predatório da Receita Federal. Cometendo, entra ano sai ano, os erros mais crassos (inimputáveis) em seus rugidos, o Leão não permite o menor desvio ou erro, considerados crimes hediondos, inafiançáveis e imprescritíveis, quando cometidos pelo cidadão.

Somos os eternos carneiros da eterna fábula: "Não interessa se você bebeu da água abaixo da corrente. O fato é que deletou minha água, interrompeu o fluxo hidráulico do nosso banco de dados. E, se não foi você, foi seu pai, seu filho, seu neto nesse nepotismo irrefreável dos nerds. Vai pagar multa, ter seus bens penhorados, vai ser chicoteado, condenado à prisão perpétua e, quando esta acabar, executado".

Aí o fiduciário monstro abre a goela gigantesca, e todos nós, apavorados, começamos a fazer declarações que nos incriminam (coisa proibida pela lei penal), revelando até o último

centavo a nossa renda, pra que sobre ela caia o imposto (in)devido.

Bem, vamos deixar de lado o imposto de renda propriamente dito (o mais injusto dos impostos, um bonde errado social em que o mundo inteiro embarcou achando que os ricos iam mesmo pagar igual) pra falar só no Leão, seu detestável e caricato símbolo brasileiro.

Se estamos numa democracia — mesmo feita com farinha de mandioca misturada com urina — esse símbolo deve ser imediatamente eliminado da logotipia oficial. Ele ruge

odiosamente, como se

fôssemos todos criminosos (o país ainda tem duas ou três pessoas que não o são), numa publicidade sempre grosseira, e humilhante pro contribuinte (leia-se extorquido). Fim com ele, Leon-liberalismo!

O leão é o símbolo maior da

heráldica, e, como já lembramos, o mais prepotente, odioso, animal das fábulas.

E, se deixarmos os leões simbólicos e os selvagens e ficarmos apenas com os históricos, como os dos circos romanos, aí a coisa piora. Esses leões só entravam na arena pra perseguir, mutilar e devorar os pobres, os famintos, os cristãos. Nunca se viu um leão comendo um Jader Barbalho. Ou um Paulo Maluf, pelo menos.



O leão é o

símbolo maior da

heráldica, e, como já lembramos, o

mais prepotente, odioso, animal das fábulas.

E, se deixarmos os leões simbólicos e os selvagens e ficarmos apenas com os históricos, como os dos circos romanos, aí a coisa piora. Esses leões só entravam na arena pra perseguir, mutilar e devorar os pobres, os famintos, os cristãos. Nunca se viu um leão comendo um Jader Barbalho. Ou um Paulo Maluf, pelo menos.

## Anexo VII

Quinta-feira, 10 de  
maio de  
2007

O GLOBO

OPINIÃO • 7

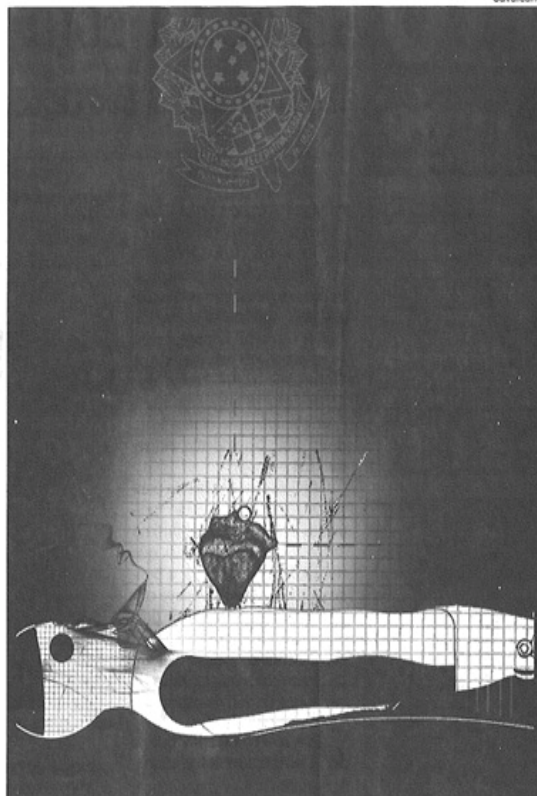
# O apagão é do governo

ADRIANO PIRES e  
RAFAEL SCHECHTMAN

Nos últimos dias, a imprensa tem noticiado a disputa entre o Ministério do Meio Ambiente (MMA) e o de Minas e Energia (MME) em torno do licenciamento ambiental das hidrelétricas do rio Madeira, cuja capacidade de geração atinge 6.000MW. O próprio presidente Lula tomou partido nas discussões, ficando do lado do MME e culpando o Ibama por um possível apagão no setor elétrico.

Na verdade, o governo tenta dar uma roupagem nova a um problema velho. O risco de déficit de energia não surgiu agora, nem é culpa de um possível atraso nas obras do rio Madeira. Não é de hoje que as previsões feitas por inúmeros analistas chamam a atenção para a possibilidade de um apagão entre 2006 e 2010, devido a atrasos na construção de novas usinas e à falta de gás natural para termelétricas. Até agora, o apagão vem sendo evitado pelo baixo crescimento econômico do país e por um regime hidrológico extremamente favorável.

De acordo com a Aneel, existe hoje um estoque de 6.779MW de projetos de geração que podem entrar em operação entre 2007 e 2011, mas possuem algum impedimento à sua construção, e 17.000MW de projetos que possuem impedimentos graves e sem data de previsão de entrada em operação. O governo deveria trabalhar para resolver os problemas que impedem a construção destas usinas. Há ainda 2.700MW médios de termelétricas a gás natural que não podem despachar por falta de gás natural. Mesmo no caso de se cumprir o cronograma das obras do rio Madeira, o que será difícil em face da envergadura do projeto, a sua primeira fase, de 500MW, só estaria con-



Cavalcanti

cluída em 2012. Ou seja, o rio Madeira não resolve os problemas do aumento do consumo de energia elétrica até 2011.

O MMA não será o único nem o principal culpado caso haja um apagão de energia elétrica, mas as autoridades que comandaram o MME e a Petrobras desde o início do primeiro mandato do governo atual. Primeiro, o MME destruiu o modelo institucional vigente do setor elétrico e demo-

da meta de atingir a auto-suficiência de petróleo antes da reeleição do presidente Lula, tornando o país refém da Bolívia.

Como se vê, a situação atual da oferta de energia no Brasil é mais fruto de erros de planejamento do que de questões ambientais. Isto fica evidente ao se verificar que o Plano Decenal do Setor Elétrico para o período 2006 a 2015 estabelece que um terço do crescimento de geração de energia elétrica virá das usinas do rio Madeira, de Belo Monte e de usinas nucleares, todos estes projetos considerados ultrapolêmicos.

Não se discute a necessidade de se reverem os critérios e procedimentos de licenciamento ambiental do Ibama, não só para o setor elétrico como também para o de petróleo e gás natural. O que não é justo é o governo culpar o Ibama por todos os males do setor elétrico. Pior ainda é o MME colocar a sociedade contra o órgão ambiental, ao ameaçar construir usinas nucleares e a carvão se o projeto do rio Madeira não for aprovado no prazo desejado pelo governo.

O Brasil precisa diversificar a sua matriz elétrica e, nesse sentido, deve aumentar a produção doméstica de gás natural, adotar preços de energia elétrica que incentivem a sua geração por fontes alternativas, tais como bagaço de cana, energia eólica e pequenas centrais hidrelétricas. O governo deve ainda voltar a incentivar o uso racional da energia, que se tornou tão difundido na época do racionamento de 2001. Com toda certeza, essas medidas permitirão um clima mais tranquilo para se discutir a viabilidade do projeto do rio Madeira.

ADRIANO PIRES e RAFAEL SCHECHTMAN  
são diretores do Centro Brasileiro de Infra-  
Estrutura (CBIE).

N. da R.: Veríssimo está de férias.

## Anexo VIII

Quarta-feira, 25 de julho de 2007

O GLOBO

OPINIÃO • 7

ZUENIR VENTURA

## O desafio pós-Pan?

**N**ão sei quais serão os proveitos que a longo prazo o Pan trará para o Rio, não conheço a relação custo-benefício dessa farrá gostosa, mas por ora ele está servindo pelo menos para se desviar o olhar das cenas deprimentes do caos aéreo: o desespero impotente dos parentes das vítimas com seus gritos de dor e revolta; as imagens dos passageiros nos aeroportos em meio a protestos inúteis contra a ganância das companhias aéreas e a inoperância criminosa do governo, que não é capaz sequer de encontrar um culpado pela crise, de demiti-lo ou de tomar uma providência eficaz. É um apagão crônico, sem luz no fim do túnel. Já o espetáculo dos Jogos, ao contrário, oferece beleza, alegria, superação, sinceridade. Às vezes até frustração, por causa de uma ou outra derrota, mas as emoções em geral são intensas, saudáveis e nobres.

Acho que por isso tenho ficado tanto tempo diante da televisão curtindo esporte. De alguns eu sequer conhecia as regras, a duração ou o número dos atletas envolvidos. Só diferentes maneiras de brincar com a bola posso citar umas sete ou oito: com os pés e as mãos, na grama, em piso sintético, na areia, no saibro, sobre a mesa, dentro da água. Bolas de vários tipos e tamanhos — de futebol,



basquete, vôlei, handebol, futsal, pólo aquático, tênis, tênis de mesa, beisebol, softbol, boliche, badminton (eu sei que não é bola, mas quase, uma peteca). Sem falar nas lutas de judô, taekwondo, atletismo, ginástica, natação e até patinação artística. Minha galeria de ídolos tem novos nomes: Marta, a

que fez no Maracanã o que nem Pelé conseguiu; Thiago Pereira, o das seis medalhas de ouro na piscina; Fabiana Murer, a que salta com vara inacreditáveis 4,60m; Yane, a do ouro no pentatlo, Jade, Rebeca, João Derly, Juliana e Larissa, Ricardo e Emanuel, e muitos outros.

Além de tudo, essa festa esportiva produziu como efeito colateral um Rio menos violento, mais ameno e civilizado, demonstrando que isso é possível quando existe disposição política, recursos, policiamento e, sobretudo, quando os governos se unem e trabalham na mesma direção. O resultado aparece nas últimas estatísticas e é visível no astral das pessoas que estão redescobrimo as calçadas e as ruas à noite. Pena que não se tenha um Pan o ano todo. Sem querer cortar o barato, a pergunta que faço é a que todo mundo está fazendo: até quando? Já vi esse filme há quinze anos, durante a Rio-92, e conheço o final. Só espero que ele não se repita. Promover festa aqui é mole, organizar grandes eventos sem confusão é conosco mesmo, faz parte de nossa vocação desde os tambois. Já provamos isso várias vezes. O desafio para os governantes é como manter as conquistas, é como tornar permanentes esses efêmeros momentos de paz coletiva.



## Anexo IX

Sexta-feira, 3 de agosto de 2007

O GLOBO

OPINIÃO • 7

LUIZ GARCIA

*Antes, o apagão ético*

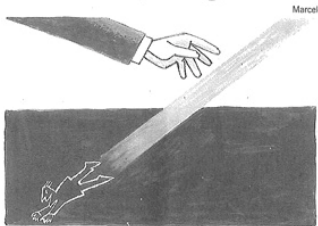
**N**enhum governo nomeia inimigos para cargos públicos. Mas isso não desculpa encher a máquina do Estado com pessoas que, direta ou indiretamente, garantam votos no Congresso para o Executivo.

Supostos entendidos alegam que de outra maneira não se governa. É premissa comodista e certamente discutível.

O uso político (no mau sentido) da ocupação dos quadros de governo começa sendo imoral — e quase sempre produz incompetência. Quando predomina, vão para o espaço a competência e o espírito público. E predominam objetivos políticos imediatistas; ou seja, do tipo sórdido.

O dicionário define imediatismo como "filosofia e prática daqueles que cuidam absorvientemente do que dá vantagem imediata". Esse último adjetivo é crucial: quem vende apoio político em troca de nomeações exige e recebe pagamento à vista.

É o que acontece neste momento, em que o Congresso está perto de votar um projeto mudando o destino da receita da CPMF. Passaria para estados e municípios um naco considerável de um dinheiro



que hoje vai para a União — que, claro, odeia o projeto. Ele está nas mãos do peemedebista Eduardo Cunha, aliado da família Garotinho.

Pois o Congresso voltou do recesso esta semana festejando a notícia da nomeação de Luiz Paulo Conde, da mesma tribo de Cunha, para a presidência de Furnas. Foi escolha puramente política, no mais lamentável sentido do termo: o termo "energia" jamais apareceu no currículo do escolhido.

Ele foi ativo e elogiado secretário do prefeito Cesar Maia, a quem sucedeu, com desempenho considerado razoável. Depois disso, passou a desempenhar, como aliado do casal Garotinho, papéis com menos poder e substância.

É com esse retrospecto que Conde se credencia — ou não se credencia, vocês que sabem — para presidir Furnas, no período que pode ser a véspera de uma crise nacional de energia. O problema não se refere diretamente ou apenas a uma avaliação de sua competência pessoal: o efeito realmente catastrófico mais grave será uma previsível invasão dos quadros da empresa por membros e aliados da família Garotinho. E esse risco para a eficiência do sistema elétrico nacional o novo presidente é certamente incapaz de evitar: ele faz parte da tribo, e nem pajé é.

Enfim, a escolha em Furnas sugere que o governo petista já optou pelo cinismo em face das ameaças no campo da energia elétrica: ora, companheiros, o apagão, se acontecer, será problema para quem vier depois.

Ou de quem já está por aí, como nós todos. Vítimas de um apagão só ético, por enquanto.

## Anexo X

24 • REVISTA O GLOBO • 10 DE JUN

Martha  
Medeiros

## Dos ficantes aos namoridos ✈

“  
É natural que  
garotos e  
garotas queiram  
conhecer  
pessoas, ter  
uma história, um  
romance, uma  
ficada, duas  
ficadas... Esquece,  
não acho natural  
coisa nenhuma  
”

Se você é deste século, já sabe que há duas tribos que definem o que é um relacionamento moderno. Uma é a tribo dos ficantes.

O ficante é o cara que te namora por duas horas numa festa, se não tiver se inscrito no campeonato “Quem pega mais numa única noite”, quando então ele será seu ficante por bem menos tempo — dois minutos — e irá à procura de outra para bater o próprio recorde. É natural que garotos e garotas queiram conhecer pessoas, ter uma história, um romance, uma ficada, duas ficadas, três ficadas, quatro ficadas... Esquece, não acho natural coisa nenhuma. Considero um desperdício de energia. Pegar sete caras. Pegar nove “mina”. A gente está falando de quê, de catadores de lixo?

Pegar, pega-se uma caneta, um táxi, uma gripe. Não pessoas. Pegue-e-leve, pegue-e-largue, pegue-e-use, pegue-e-chute, pegue-e-conte-para-os-amigos. Pegar, cá pra nós, é um verbo meio cafajuste. Em vez de pegar, poderíamos adotar algum outro verbo menos frio. Porque, quando duas bocas se unem, nada é assim tão frio, na maioria das vezes esse “não estou nem aí” é jogo de cena. Vão todos para a balada fingindo que deixaram o coração em casa, mas deixaram nada. Deixaram a personalidade em casa, isso sim.

No entanto, quem pode contra o avanço (???) dos costumes e contra a vulgarização do vocabulário? Falando nisso, a segunda tribo a que me referia é a dos namoridos, a palavra mais medonha que já inventaram. Trata-se de um homem híbrido, transgênico. Em tese, ele vale mais do que um namorado e menos que um marido. Assim que a relação começa, juntam-se os trapos e parte-se para um casamento informal, sem papel passado, sem compromisso de estabilidade, sem planos de uma

velhice compartilhada — namoridos não foram escolhidos para serem parceiros de artrite, reumatismo e pressão alta, era só o que faltava. Pois então. A idéia é boa e prática. Só que o índice de príncipes e princesas virando sapo é alta, não se evita o tédio conjugal (comum a qualquer tipo de acasalamento sob o mesmo teto) e pula-se uma etapa quentíssima, a melhor que há.

Trata-se do namoro, alguns já ouviram falar. É quando cada um mora na sua casa e tem rotinas distintas e poucos horários para se encontrar, e esse pouco ganha a importância de uma celebração. Namoro é quando não se tem certeza absoluta de nada, a cada dia um segredo é revelado, brotam informações novas de onde menos se espera. De manhã, um silêncio inquietante. À tarde, um mal-entendido. À noite, um torpedo reconciliador e uma declaração de amor. Namoro é teste, é amostra, é ensaio, e por isso a dedicação é intensa, a sedução é ininterrupta, os minutos são contados, os meses são comemorados, a vontade de surpreender não cessa — e é a única relação que dá o devido espaço para a saudade, que é fermento e afrodisíaco. Depois de passar os dias se vendo só de vez em quando, viajar para um fim de semana juntos vira o céu na Terra: nunca uma sexta-feira nasce tão aguardada, nunca uma segunda-feira é enfrentada com tanta leveza.

Namoro é como o disco “Sgt. Peppers”, dos Beatles: parece antigo e, no entanto, não há nada mais novo e revolucionário. O poeta Carlos Drummond de Andrade também é de outro tempo e é para sempre. É ele quem encerra esta crônica, dando-nos uma ordem para a vida: “Cumpra sua obrigação de namorar, sob pena de viver apenas na aparência. De ser o seu cadáver itinerante.”

Email: martha.medeiros@oglobo.com.br

## Anexo XI

**Alexandre Werneck\***

Especial para o JB

Lá pelo meio do terceiro capítulo – ou livro, como prefere a mitologia do programa – de *A Pedra do Reino*, *microsérie* que estréia amanhã, às 22h30, na Globo, e vai até sábado, em cinco “livros”, Quaderna (Irandhir Santos), o personagem-síntese-da-brasilidade da vez de Ariano Suassuna, dispara, na direção do Magistrado (Cacá Carvalho): “Por motivos esotéricos e litúrgicos, atirei-me na vivência dos calendários astrológico-zodiacais-mouro-cruzado-negro-tapuias de meu catolicismo sertanejo”. Não será a primeira vez que o personagem citará sua religião baseada na idéia de *joie de vivre* tanto quanto na de amor a Deus. Nem será a última que se verá sair de sua boca um adjetivo composto de mais de três palavras. Mas, nesse momento, ele estabelecerá que toda a lógica de sua narração – a do testemunho no inquérito contra ele mesmo – será construída a partir de uma entrega à religião. Ele será boa testemunha de sua própria inocência porque, na hora do crime, lembra-se bem de ter visto, ficou cego. Como São Paulo em sua conversão.

Metáforas religiosas estão espalhadas por toda a obra de Suassuna. Esta e outras. Mas o que mais chama a atenção nesta *A Pedra do Reino* dirigida Luiz Fernando Carvalho é a maneira como a liturgia é o centro das ações. O Suassuna de Carvalho é gritante. E grita porque o centro da obra do diretor é a palavra. Mais que isso, o culto religioso à palavra. Assim, tudo no programa está operado para um emolduramento da fala. A começar pela cenografia, pródiga e feliz no projeto de construir um deslugar: Taperoá não é uma cidade, é um cenário, um palco abstrato para a declamação.

A seguir, esse emolduramento do que é falado passa por um “universalismo” – travestir Quaderna de D. Quixote, dar vazão ao medievalismo, usar na trilha menos músicas nordestinas e mais música de filmes gregos, macedônios e orientais. Mas o que sintetiza o destaque da oralidade é mesmo a filmagem, cujo elemento mais claro é uma certa “fuga da clareza”: assim como em *Hoje é dia de Maria*, Carvalho opta por uma lente que produz foco em regiões mínimas da imagem, conferindo um tom de um lado onírico, de outro de sublinhamento (pela sublimação): nos closes, vemos sempre os olhos ou a boca em foco, raramente os dois. E isso diz muito sobre o paradigma que atravessará toda a jornada.

(Cont.)



## Anexo XI (cont.)

O modelo usado para dar vida ao universo **mixotético-macumáimico-anti-modernístico-medievalista** — contaminemo-nos pelas palavras do autor — não é apenas o da declamação. Mais que isso, é o da oração. Todas as operações dramáticas são, no princípio, litúrgicas. Nas cenas, quando um ator fala, não fala para outro — embora isso pareça acontecer. Fala é para o alto. Toda fala é dita como um gozo de êxtase religioso, como “um falar em línguas” bíblico, como um culto à sacralidade do poder criativo da palavra. No universo suassúnico-carvalhiano-palavro-sacralizador, mais importante que a interação é a iteração.

Era assim em *Lavoura arcaica*, filme de Carvalho, foi assim em *Maria* e é assim em *Pedra do Reino*. E neste caso, com uma radicalidade de culto absoluta. Porque, no fundo, Carvalho não foi beber em Suassuna a discussão sobre a modernidade brasileira — que coloca o autor, mesmo com seu viés ideológico monarquista atrapalhando, como um pensador mais arguto que os partidários do “mito da contradição brasileira” que contaminam a socio-

### “Quaderna é dotado de consciência do poder da palavra e, mais, de vontade literária — de usar a palavra para recriar o mundo”

logia/antropologia nacional. O principal combustível do Suassuna de Carvalho é a saliva como água benta.

Quaderna é, como André, o jovem esmagado pela figura do pai em *Lavoura*, pre-nhe de palavra. Por isso, a fala concebida por Suassuna na boca do Magistrado — “O senhor só conta a história desse jeito para ficar bonita, mesmo com prejuízo da verdade” — dita em resposta ao testemunho, no Livro 4, não é tão diferente, em espírito, da fala, criada pelo autor Raduan Nassar, que diz, na boca do pai de André: “Basta! Ninguém nesta casa falará com palavras extravagantes”. Porque os dois protagonistas são lugares para o parto de vozes. Para uma criação do mundo no poder do discurso.

E Quaderna o cria — como ficará claro na arrebatadora virada do último livro. O mais impressionante em *A Pedra do Reino* é a construção lógica da narrativa criada pelo protagonista. Não apenas a narrativa em três tempos — Quaderna criança, Quaderna adulto, Quaderna velho, em uma ordenação que, lá, lembra o triunvirato carneio/leão/criança de Nietzsche. Mas a criação de outros tempos, que se confundem, criando uma temporalidade poética. E poética sobretudo porque construída nos esteios de um lugar de texto oprimido, o da enquete judicial, uma das maiores obsessões **metodológico-suassúnicas**. Ah, Quaderna!

Está lá no julgamento de *Auto da Compadecida*, no inquérito de *A pena e a lei*, nas

trocas de *A farsa da boa preguiça*: sempre nos deparamos com a Justiça, objeto de poder de palavra, de uma gramática que deixa falar apenas quando quer saber e que, quando permite, permite dentro de seus limites. Em oposição, Suassuna coloca sempre o jogo de cintura de um herói... tagarela.

Pois Quaderna é o **metapersonagem de Suassuna. É dotado de consciência do poder da palavra e, mais, de vontade literária — de usar a palavra para recriar o mundo. Na microsérie, fortalece-se ainda mais como um meta-Suassuna, para além das origens biográficas do livro — o que assume tom de homenagem e informa por que, não à toa, por exemplo, Quaderna é condecorado como “imortal”.** Mas, mais que tudo isso, em Carvalho, Quaderna-Suassuna, como de hábito com personagens-atores em adaptações, não “sai do papel!”. Retorna a ele.

\*Alexandre Werneck é jornalista, crítico de cinema e doutorando em sociologia

Na página B3, o escritor Bráulio Tavares entrevista Ariano Suassuna

**Anexo XII**

Oswald de Andrade, 1925 •••••

**CANTO DO REGRESSO À PÁTRIA**

Minha terra tem palmares  
onde gorjeia o mar  
Os passarinhos daqui  
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas  
E quase que mais amores  
Minha terra tem mais ouro  
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas  
Eu quero tudo de lá  
Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte pra São Paulo  
Sem que veja a Rua 15  
E o progresso de São Paulo

(<http://www.algumapoesia.com.br/poesia2/poesianet174.htm>)

**Anexo XIII**

■ Murilo Mendes, 1930 •••••

**CANÇÃO DO EXÍLIO**

Minha terra tem macieiras da Califórnia  
onde cantam gaturamos de Veneza.  
Os poetas da minha terra  
são pretos que vivem em torres de ametista,  
os sargentos do exército são monistas, cubistas,  
os filósofos são polacos vendendo a prestações.  
A gente não pode dormir  
com os oradores e os pernilongos.  
Os sururus em família têm por testemunha a  
[ Gioconda.  
Eu morro sufocado  
em terra estrangeira.  
Nossas flores são mais bonitas  
nossas frutas mais gostosas  
mas custam cem mil réis a dúzia.

Ai quem me dera chupar uma carambola de  
[ verdade  
e ouvir um sabiá com certidão de idade!

(<http://www.algumapoesia.com.br/poesia2/poesianet174.htm>)

**Anexo XIV**

■ Carlos Drummond de Andrade, 1945 •••••

**NOVA CANÇÃO DO EXÍLIO**

Um sabiá na  
palmeira, longe.

Estas aves cantam  
um outro canto.

O céu cintila  
sobre flores úmidas.  
Vozes na mata,  
e o maior amor.

Só, na noite,  
seria feliz:  
um sabiá,  
na palmeira, longe.

Onde tudo é belo  
e fantástico,  
só, na noite,  
seria feliz.  
(Um sabiá,  
na palmeira, longe.)

Ainda um grito de vida e  
voltar  
para onde tudo é belo  
e fantástico:  
a palmeira, o sabiá,  
o longe.

(<http://www.algumapoesia.com.br/poesia2/poesianet174.htm>)

**Anexo XV**

■ Mario Quintana, 1962 •••••

**UMA CANÇÃO**

Minha terra não tem palmeiras...  
E em vez de um mero sabiá,  
Cantam aves invisíveis  
Nas palmeiras que não há.

Minha terra tem relógios,  
Cada qual com sua hora  
Nos mais diversos instantes...  
Mas onde o instante de agora?

Mas onde a palavra "onde"?  
Terra ingrata, ingrato filho,  
Sob os céus da minha terra  
Eu canto a Canção do Exílio!

(<http://www.algumapoesia.com.br/poesia2/poesianet174.htm>)

## Anexo XVI

■ Cacaso, 1985 •••••

### JOGOS FLORAIS

#### Jogos Florais I

Minha terra tem palmeiras  
onde canta o tico-tico  
Enquanto isso o sabiá  
vive comendo o meu fubá

Ficou moderno o Brasil  
ficou moderno o milagre  
a água já não vira vinha  
vira direto vinagre

#### Jogos Florais II

Minha terra tem palmares  
memória cala-te já  
Peço licença poética  
Belém capital Pará

Bem, meus prezados senhores  
dado o avanço da hora  
errata e efeitos do vinho  
o poeta sai de fininho.

(será mesmo com esses dois esses  
que se escreve paçarinho?)

(<http://www.algumapoesia.com.br/poesia2/poesianet174.htm>)

**Anexo XVII**

■ José Paulo Paes, 1973 •••••

**CANÇÃO DO EXÍLIO FACILITADA**

lá?  
ah!  
sabiá...  
papá...  
maná...  
sofá...  
sinhá...

cá?  
bah!

(<http://www.algumapoesia.com.br/poesia2/poesianet174.htm>)

**Anexo XVIII****SABIÁ / CHICO BUARQUE E TOM JOBIM****Sabiá**

Vou voltar  
Sei que ainda vou voltar  
Para o meu lugar  
Foi lá e é ainda lá  
Que eu hei de ouvir cantar  
Uma sabiá

Vou voltar  
Sei que ainda vou voltar  
Vou deitar à sombra  
De um palmeira  
Que já não há  
Colher a flor  
Que já não dá  
E algum amor Talvez possa espantar  
As noites que eu não queira  
E anunciar o dia

Vou voltar  
Sei que ainda vou voltar  
Não vai ser em vão  
Que fiz tantos planos  
De me enganar  
Como fiz enganos  
De me encontrar  
Como fiz estradas  
De me perder  
Fiz de tudo e nada  
De te esquecer

Vou voltar  
Sei que ainda vou voltar  
Para o meu lugar  
Foi lá e é ainda lá  
Que eu hei de ouvir cantar  
Uma sabiá







